



## DISCURSO, IDEOLOGIA E MUDANÇA SOCIAL: A MÍDIA TRADICIONAL NAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

Humberto Felipe Leme

### RESUMO

Este trabalho versa sobre a relação entre discurso midiático e mudança social, destacando sua manifestação como uma entidade autônoma e descolada do pensamento do grupo a que serve. Analisamos como esse discurso torna-se um instrumento de controle invisível ao se internalizar nos indivíduos da sociedade em que atua, perpetuando determinada dominação na construção de uma egrégora, uma vibração coletiva de pensamento ou sentimento supostamente espontânea, sendo esta, na verdade, as ideologias dominantes. Temos que as relações de poder são refletidas e reproduzidas por meio do uso da linguagem nas estruturas textuais, linguísticas e semióticas presentes na construção discursiva, de modo a estabelecer caminhos em direção a construções de valores, crenças e significações acerca de acontecimentos políticos. Nessa acepção, partimos do pressuposto que a mídia tradicional corresponde a um dispositivo de ampla influência ainda hoje, que é capaz de potencializar ideias e ações, e que os modos de distribuição, de recepção e de produção de seus discursos influenciam de tal maneira a sociedade que nos permite dizer que seu papel é significativo na construção de narrativas e na modificação de comportamentos. O objetivo central de nossa pesquisa corresponde ao exame do modo como a mídia tradicional tratou das manifestações políticas de 2013 e à identificação de seu papel nas mudanças políticas posteriores, especificamente o processo de desgaste político vivenciado pela ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff. Os objetivos específicos consistem em (I) analisar as ideologias presentes nas notícias, (II) identificar as estratégias selecionadas com vista à manipulação social, (III) examinar o papel dessas estratégias no processo de impeachment de Dilma Rousseff. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo por meio da qual são analisados elementos linguísticos, imagéticos e organizacionais das notícias, de modo a descrever regularidades de estratégias e suas relações com os entornos sociais e políticos da época. Nosso referencial teórico constitui-se pelas investigações no interior da Análise Crítica do Discurso (ACD), a partir de autores como van Dijk (2009) e Fairclough (2001), que se debruçam sobre as relações entre discurso, poder e mudança social, em diálogo com a semiolinguística de Charaudeau (2013).

**Palavras-chave:** Discurso, Ideologia, Manipulação, Mídia.

### INTRODUÇÃO

Este artigo versa sobre como o discurso ideológico da classe dominante manifesta-se em notícias de jornais brasileiros e como se apresenta como entidade autônoma e descolada do pensamento do grupo a que ela serve e se mantém no poder, sendo, portanto, um instrumento de controle invisível através da internalização do discurso nos indivíduos da sociedade em que este age. A linguagem apresenta-se, nesse processo, dado o conceito de que o desenvolvimento intelectual é inerente às interações sociais e condições de vida, como postula Vygotsky (1982) e pelo conceito de discurso de Bakhtin (2016), em que toda situação que envolve a comunicação num determinado contexto diz respeito a quem fala, para quem se fala e sobre o que se fala.



A reflexão que se segue investigou o papel do discurso como ferramenta construtora de uma egrégora - uma vibração coletiva de um pensamento ou sentimento que se “desprende” de quem primeiro o concebeu - na qual supostamente um discurso surge naturalmente na sociedade por meio de uma consonância de indivíduos com os mesmos pensamentos, objetivos e ponto de vista, e como esta egrégora é, na verdade, a ideologia da dominação. Este movimento supostamente orgânico, no qual a ideia surge e se instaura por si só, é uma das formas pela qual a classe dominante faz crer que o pensamento é independente, neutro, verídico, inquestionável. Para Chauí (1980), a classe dominante, dispondo dos meios de produzir riqueza material, também se torna proprietária dos meios de produzir ideias e consegue, desse modo, irradiar para toda a sociedade sua ideologia, fazendo com que esta se torne a forma comum de interpretação da realidade. Marx e Engels (1984) criticam o pensamento dos pós-hegelianos de que a natureza e a realidade externa são puramente imaginárias, um simples produto da consciência, nunca atingindo uma realidade concreta. Os autores defendem que, pelo contrário, as ideias não são autônomas e independentes, de modo que sozinhas não podem dominar o mundo.

Como esta pesquisa volta-se para a relação discurso, ideologia e mudança social, foi preciso buscar um quadro teórico com o qual tais relações fossem possíveis. Seleccionamos a Análise Crítica do Discurso (ACD), pois é uma abordagem que visa à investigação das relações entre linguagem, discurso, poder e ideologia. Ela baseia-se na premissa de que o discurso não é apenas uma forma de comunicação neutra, mas também uma prática social que reflete e reproduz as estruturas de poder existentes na sociedade. Os estudiosos da ACD, tais como Van Dijk (2009) e Fairclough (2001), buscam analisar como as relações de poder são construídas, mantidas e contestadas por meio do uso da linguagem, investigando os aspectos linguísticos, retóricos e discursivos, para entender como o poder se manifesta nas interações sociais e como certas vozes são privilegiadas ou marginalizadas.

A ACD também leva em consideração o contexto social, histórico e cultural em que os discursos são produzidos, reconhecendo que as estruturas de poder e as ideologias são moldadas por fatores mais amplos. Ela busca entender como as instituições, as políticas e as práticas sociais influenciam e são influenciadas pelos discursos, principalmente os legitimados. (ARNOUX, 2021). Por esse caminho, analisamos a construção do discurso ideológico na sociedade contemporânea, pautando diversas linguagens, estruturas semióticas e simbologias utilizadas para poder analisar os atores, motivação, público-alvo e classe dominada a que discursos presentes no nosso cultural e social se destinam. Abordamos, também, o discurso midiático e a sua relação com o poder. Pressupomos que a mídia corresponde a um dispositivo de ampla influência, fazendo que seus discursos alcancem milhões de pessoas e potencializem ideias e ações. Assim, entendemos que a mídia desempenha um papel significativo na construção e na disseminação de narrativas, moldando percepções, valores e comportamentos sociais, segundo Charaudeau (2013).

Analisamos documentalmente o papel da mídia tradicional nas manifestações de 2013 no Brasil, durante o primeiro governo Dilma Rousseff, e as estratégias presentes na construção da narrativa com vista ao posterior *impeachment* da presidenta em 2016. Mediante uma pesquisa bibliográfica, abordando o trabalho de Chauí (1982), Bakhtin (2003), van Dijk (2009) e Charaudeau (2013), observamos como se produziu esses subterfúgios de dominação de classe na história recente. Trata-se de uma investigação exploratória, durante a qual seguimos os passos de coleta e de análise descritos a seguir:



- 1) Pré-seleção de notícias acerca da ex-presidenta da República Dilma Rousseff no período de 1º a 30 de junho de 2013 no acervo Folha, publicadas na capa do jornal, a partir das seguintes palavras-chave: Dilma; Dilma Rousseff;
- 2) Seleção e exame de conjunto representativo de notícias por título, subtítulo e relação intersemiótica com as fotos da matéria e da capa;
- 3) Análise da seleção lexical, temática e argumentação multimodal;
- 4) Identificação das ideologias e da representação de Dilma nas notícias.

## IDEOLOGIA, DISCURSO E MANIPULAÇÃO

Ideologia pode ser definida como um conjunto de ideias, valores, crenças e representações que são criadas, difundidas e sustentadas por grupos ou classes sociais, a fim de manter e de legitimar sua posição de poder na sociedade. A ideologia é, portanto, um instrumento de dominação que funciona por meio da criação de falsas consciências e da naturalização das desigualdades e injustiças sociais. Ao procurar explicar a sua realidade, o homem naturalmente criará representações que escondem as reais relações sociais e formas de explorar o outro política e economicamente. Este ocultamento de uma realidade social é o que podemos chamar de ideologia. (CHAUÍ, 1980, p. 21). Ao defender que a ideologia não é formada apenas de ideias abstratas, mas que é produto do espírito de seu tempo, Chauí (1980, p.11) pontua:

Quando o teórico elabora sua teoria, [...] julga estar produzindo ideias verdadeiras que nada devem à existência histórica e social do pensador. Até pelo contrário, o pensador julga que com essas ideias poder explicar a própria sociedade em que vive. Um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas.

Essa percepção da realidade em que existe uma verdade anterior é presente no idealismo, corrente filosófica que surgiu no final do século XVIII e início do século XIX, na Alemanha, cujo expoente é o filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel. O idealismo hegeliano consiste em afirmar que as coisas reais existentes são determinadas por ideias universais anteriores. Embora Hegel seja reconhecido como um idealista, ele não foi o primeiro nem o único a defender que as ideias precedem as coisas, assim como Platão. Por exemplo, para construir uma casa, é necessário ter uma ideia prévia do que é uma casa, que não é definida por um indivíduo específico, mas por uma ideia universal que se aplica a todos os indivíduos. (CHAUÍ, 1980, p. 33)

Segundo Bakhtin (2003, p. 11), todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, de caráter tão multiforme quanto o espectro dessas atividades. Assim, os enunciados - atos de produção do discurso - refletem as condições e finalidades da comunicação. Para o autor, só podemos nos comunicar em qualquer nível por meio de gêneros do discurso, sendo estes as estruturas dialógicas e ideológicas, que utilizamos conforme o meio e nossa intenção. Seja na oralidade ou na escrita, formal ou não, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros nos são dados, para o autor, “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática” (p. 282).

O enunciado, seja oral ou escrito, estabelece diálogos entre os sujeitos falantes e entre outros enunciados já produzidos. O enunciatário não é passivo, vazio; ele consegue aceitar ou



não o sentido produzido pelo enunciador ao discutir e ampliar o ato enunciativo. Aliás, sendo o enunciado uma estrutura dialógica, o enunciador sempre espera uma reação do sujeito para quem se dirige. Esta é a principal característica do enunciado para Bakhtin. Ele também relata que o enunciado é único, não pode ser repetido, apenas citado, já que advém de discursos proferidos no exato momento da interação social” (SIGNOR, p. 2008). Para Bakhtin (2006, P. 265), o estilo está indissolivelmente ligado à estrutura do enunciado e suas formas típicas. Os enunciados, orais ou escritos, são sociais e individuais enquanto refletem as particularidades do enunciador. Assim, “a realidade linguística é a atividade criadora constante, realizada por atos individuais de discurso: a criação da linguagem é assemelhada à criação artística; a disciplina linguística passa a ser estilística.” (BEZERRA, 2016, p. 14)

## IDEOLOGIA NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Conforme Fairclough (2001), o discurso é um campo de luta, em que diferentes grupos sociais competem pelo poder e pela influência, já que a linguagem não é transparente, cristalina e isenta de intencionalidades, independente do sujeito enunciador. O autor pontua que:

Há uma tendência em acreditar que o conteúdo social [...] pode ser lido sem atenção à própria linguagem. Tais posições e atitudes estão mudando agora. Os limites entre as ciências sociais estão enfraquecendo, e uma maior diversidade de teoria e prática vem se desenvolvendo nas disciplinas. Tais mudanças têm-se feito acompanhar por uma 'virada linguística' na teoria social, cujo resultado é um papel mais central conferido à linguagem nos fenômenos sociais. (2001, p.20)

Fairclough (op. cit.) defende que a linguagem tem papel indissociável no campo da mudança social, envolvendo não apenas a linguagem em si, mas as práticas de ideológicas via discurso: as “tentativas de definir a direção da mudança”. O autor ainda utiliza o conceito de interdiscursividade, para examinar como diferentes discursos e práticas discursivas relacionam-se entre si, formando um sistema mais amplo de significados e relações de poder. Ele argumenta que a ideologia opera de forma interdiscursiva, através da relação entre diferentes discursos e práticas sociais. Nessa perspectiva de investigação, o objetivo é desvendar as ideologias presentes nos discursos e expor as relações de poder, que estão subjacentes a eles. Isso envolve analisar as estruturas linguísticas, as estratégias retóricas, as posições de sujeito e as formas de representação presentes nos discursos.

A perspectiva de Teun van Dijk (2006, p. 3) sobre ideologia e hegemonia na Análise Crítica do Discurso (ACD) destaca a importância das estruturas sociais e do poder na construção dos discursos e na reprodução das desigualdades sociais. Para van Dijk (Op. Cit.), a ideologia é entendida como um conjunto de crenças, valores e representações compartilhadas por um grupo social dominante, e servem para justificar e perpetuar as relações de poder existentes. A ideologia está presente nos discursos de maneiras sutis e implícitas, moldando como percebemos o mundo e influenciando nossas atitudes e comportamentos.

## DISCURSO E MANIPULAÇÃO NA MÍDIA

Ao relacionar a manipulação aos efeitos de influências de determinados discursos, van Dijk (2009) estabelece que manipular não exige apenas poder, neste caso, discursivo, mas também abuso de poder, uma vez que se exerce essa influência ilegítima “ao assumir caráter de violação às normas sociais, [...] no predomínio de alguém sobre outros, sempre em detrimento destes, já que têm princípios, valores e interesses contrariados, sem se dar conta dessa manipulação.” (FRAZÃO, 2009, p. 4). Para van Dijk (op. cit.), a manipulação não pode ser compreendida



como similar à persuasão, uma vez que esta última ocorre em circunstâncias em que os interlocutores são dotados de habilidades para interpretar e para agir conforme os argumentos do enunciador, podendo aceitá-los ou não. Na manipulação, os receptores não percebem ou não estão capacitados para entender as reais intenções ou ver as reais consequências das crenças ou ações defendidas pelo manipulador (VAN DIJK, 2009). Nessa acepção, o autor ainda afirma que:

As condições sociais para o controle manipulativo, portanto, devem ser formuladas em termos de pertencimento a um grupo, posição institucional, profissão, recursos materiais ou simbólicos e outros fatores que definem o poder dos grupos ou de seus membros [...], portanto, o tipo de manipulação social que estudamos aqui é definido em termos de dominação social e sua reprodução nas práticas cotidianas, incluindo o discurso. Nesse sentido, somos mais interessados em manipulação entre grupos e seus membros, que na manipulação pessoal de atores sociais individuais. (p. 354, tradução livre)

A manipulação é, então, a prática social dos detentores do poder que objetiva reproduzir e ampliar esse poder, num processo de naturalização do discurso, como abordado anteriormente, cobrindo com o verniz da legitimidade e da legalidade a manutenção dessa relação de poder e dominação. (FRAZÃO, 2009, p. 5). Van Dijk (2009) postula que o abuso de poder requer um repertório ou um controle sobre recursos sociais escassos, tais como o acesso à mídia e ao subsequente poder de ditar o rumo do debate público, “compartilhado pelos membros de elites ‘simbólicas’ como políticos, jornalistas, cientistas, escritores, professores etc.” (p. 354).

Charaudeau (2013) argumenta que cada discurso carrega consigo intenções discursivas específicas, ou seja, propósitos e objetivos comunicativos que o enunciador busca alcançar. Com o discurso midiático, não ocorre de modo diferente. O autor ainda discute a influência dos meios de comunicação na construção e reprodução dos discursos, enfatizando como eles exercem poder e influência sobre a sociedade, destacando a diferença entre o fato e a notícia. Aspectos discursivos presentes na arquitetura da mídia, como a construção de imagens, a seleção de informações, a organização narrativa e a argumentação abrem possibilidades narrativas e, conseqüentemente, interpretativas, onde caberá à mídia autenticar os fatos de forma verossímil, fazendo sugestões de causalidade e justificativas para suas explicações (p. 88). Sobre os papéis exercidos nesta instância comunicativa, o Charaudeau (op. Cit.) questiona:

[...] quem é o benfeitor e quais são os motivos de seu ato de informação? Qual é a natureza do saber a ser transmitido e de onde ele vem? Quem é esse outro para quem a informação é transmitida e que relação mantém com o sujeito informador? Enfim, qual é o resultado pragmático, psicológico, social desse ato e qual é seu efeito individual e social? (P. 33)

Se pensarmos na “instância de transmissão” como um sistema meramente mediador do caminho da fonte de informação até o receptor, chegamos a um cenário onde caberia ao emissor codificar a mensagem, ao passo que o receptor teria apenas de decodificá-la, o que em tese “elimina todo efeito perverso da intersubjetividade constitutiva das trocas humanas, e identifica a comunicação [...] com um simples procedimento de transmissão de sinais.” (2013, p. 35).

## **DISPOSITIVOS DE ENCENAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO ACONTECIMENTO**

Para Charaudeau (2013), o ato comunicativo é realizado num ambiente que apresenta certos limites - uma conversa privada não é o mesmo que conversar em presença de um público, assim



como se dirigir a alguém numa conversa presencial não é o mesmo que fazê-lo por telefone, rádio ou vídeo, por exemplo. Cada situação ou condição comunicativa associa-se, então, ao que o autor chama de dispositivo, por meio de qual se constituem as condições materiais essenciais para sua realização. No entanto, para o autor, todo dispositivo imprime sua marca particular na mensagem e, portanto, lhe confere mais uma camada de sentido:

Seria uma atitude ingênua pensar que o conteúdo se constrói independentemente da forma, que a mensagem é o que é independentemente do que lhe serve de suporte. [...] Não há, como está consagrado na linguística e como o sabem e dizem todos os poetas, forma sem conteúdo, significante sem significado, mensagem sem suporte. As duas faces dessa realidade do sentido estão numa tal solidariedade que não se pode atingir uma sem a outra, não se pode tocar numa sem tocar na outra, não se pode conceber uma sem [...] conceber a outra. (P. 105)

O autor postula que essa indissociabilidade entre dispositivo e mensagem culminará em inferências intersemióticas em textos. Mediante uma visão semiolinguística, o autor propõe que diferentes modalidades comunicativas, como texto, imagem e som, são utilizadas para construir argumentos para além da informação propriamente dita. E, como estes veículos de informação imprimem sobre eles esta camada adicional, Charaudeau (2013) propõe que estes podem ser e são utilizados como dispositivos de encenação da informação. Na imprensa, dada a distância entre o autor e o leitor da notícia, é necessário um processo de conceitualização compartilhado para representar dada realidade, “resultando em lógicas específicas de produção e compreensão” (Op. Cit., p. 113). No momento em que o leitor se debruça sobre a notícia impressa, uma lógica hierárquica faz a relação entre elementos verbais e não verbais, consonantes ou não, atribuindo ao leitor a função de fazer suas inferências a respeito das relações entre dois ou mais elementos, para “desencadear uma atividade de decifração, isto é, de inteligibilidade” (p. 114)

Essa argumentação pode ser considerada multimodal, isto é, ela age na integração de múltiplos sistemas, para persuadir e convencer um público. Envolve o uso de elementos visuais, sonoros, espaciais e cinestésicos, para transmitir informações e reforçar os argumentos ou criar uma força argumentativa. As inferências intersemióticas referem-se à capacidade de inferir significados entre diferentes sistemas de signos, como texto e imagem. Por exemplo, uma imagem pode complementar ou contradizer a informação apresentada no texto, levando a inferências adicionais e à interpretação do conteúdo de forma mais ampla.

A utilização da palavra-imagem como argumentação multimodal pode gerar contradições devido à divergência entre os sentidos dos dois elementos. No entanto, a presença estratégica de elementos imagéticos pode orientar a compreensão e direcionar o foco para os pontos considerados relevantes pelo enunciador, mesmo que sua inclusão não seja obrigatória. A análise da argumentação multimodal envolve considerar as diversas camadas da comunicação, as intenções discursivas, as escolhas argumentativas, a presença de recursos gráficos e a interação entre linguagem e mundo, inclusive sobre elementos dissonantes entre si:

[...] Chamamos essa aparente contradição na relação palavra-imagem de argumentação multimodal por divergência, a saber: “estratégia empregada pelo enunciador ao fazer uso de material verbal e icônico cuja relação, em princípio, parece provocar certo efeito de dissonância entre os sentidos expressos” (2021, p. 11 apud MARCHON, 2022, p. 17).



Esses elementos contribuem para a construção de discursos persuasivos e a compreensão dos sentidos e significados, seja por associação ou por dissonância entre os elementos constitutivos para criar um nível de argumentação fora do textual, mas interpretativo.

## ANALISANDO AS NARRATIVAS

O ano de 2013, em especial o mês de junho, foi marcado por grandes protestos em todas as capitais do país. Esta série de mobilizações, posteriormente chamadas de Jornadas de junho, ocorriam simultaneamente em mais de quinhentas cidades do Brasil. Ainda que os maiores atos de rua deste período tenham ocorrido no mês de junho, outros protestos ocorreram no decorrer do ano. Estes protestos começaram em São Paulo contra o aumento de R\$ 0,20 na tarifa de ônibus municipais. O movimento ganhou força, atraiu mais participantes e enfrentou repressão policial, ganhando repercussão tanto no estado quanto em todo o Brasil. Sob intensa pressão, governadores e prefeitos cederam e reduziram as tarifas, mas esse já não era o único foco das manifestações. A insatisfação voltou-se também para os altos gastos relacionados à Copa do Mundo de 2014 no Brasil, as alegações de corrupção na política e a gestão do governo de Dilma Rousseff.

Assim, no contexto das manifestações nacionais de 2013, analisamos como um veículo da mídia tradicional realiza construções lexicais e intersemióticas por meio da argumentação multimodal das manchetes e da composição de suas primeiras páginas, visto que “o discurso não é um simples suporte, mas [...] desempenha um papel constitutivo nos processos ideológicos (MAINGUENEAU, 2010, p.75). No levantamento de notícias em primeira página com as palavras-chave supracitadas, foram coletadas 19 notícias, cujos títulos e subtítulos foram organizadas na tabela 1:

Tabela 1 - Notícias centrais contendo “Dilma” e “Dilma Rousseff” por título e subtítulo

<b>Data</b>	<b>Título da notícia</b>	<b>Subtítulo da notícia</b>
2/6	Popularidade em queda fez Dilma priorizar inflação	-
5/6	Governo Dilma zera tributo para tentar conter alta do dólar	-
6/6	Após fala de Dilma, dólar tem alta e BC intervém	-
7/6	PTB volta ao governo federal e deve se aliar a Dilma em 2014	-
8/6	Presidência torna sigilosos dados sobre as viagens de Dilma Rousseff	-
9/6	Aprovação de Dilma tem a 1ª queda, de 8 pontos, e vai a 57%	Datafolha mostra que presidente também cai na corrida presidencial, mas venceria no 1º turno
10/6	Para governistas, menor aprovação de Dilma é normal	-
13/6	Dilma Rousseff vê pessimismo em críticos do governo	-
16/6	Estreia do Brasil tem vaia a Dilma, feridos e presos	Presidente é hostilizada três vezes; em protesto antes do jogo, 30 pessoas são detidas
17/6	Dilma cortou discurso após receber vaias de torcedores	-



21/6	Protestos violentos se espalham pelo país e Dilma chama reunião	Mais de 1 milhão de pessoas vão às ruas * Em Brasília, três ministérios e banco central são depredados * Segundo assessores, governo federal está 'perplexo'
22/6	Dilma promete ouvir 'voz das ruas' e coibir 'arruaça'	Na TV, presidente diz que receberá ativistas e propõe pacto político para melhorar serviços públicos
23/6	Para responder a protestos, Dilma resgata 'faxina'	-
24/6	Dilma inicia pela saúde plano para estancar atos	Presidente anuncia medidas para o setor e recebe lideranças do MPL
25/6	Dilma sugere plebiscito para reformar a política	Plano da presidente, em reação a protestos, é criticado por ministros do STF e pela oposição
26/6	Presidente do STF diz que é preciso incluir o povo nos debates políticos	Dilma se reúne com Joaquim Barbosa, presidente do STF, para falar sobre reforma política
28/6	Planalto defende plebiscito conciso sobre reforma	Dilma vai sugerir que consulta tenha no máximo 5 questões; Lula chama de 'barbearagem' reação do governo a protestos
29/6	Aprovação a Dilma despenca de 57% a 30% em 3 semanas	Queda de 27 pontos é a maior de um presidente aferida pelo Datafolha desde Collor em 1990
30/6	Dilma não venceria no 1º turno; Marina e Barbosa sobem	Com 30% das preferências, presidente tem queda de 21 pontos em três semanas, diz Datafolha; um quarto está sem candidato

Fonte: Acervo digital Folha

Nesta série de manchetes e notícias que retratam eventos e desdobramentos sociais relacionados à então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, é possível observar uma lógica em relação aos fatos narrados. A então presidenta Dilma, no decorrer do período analisado, enfrentou oscilações nos níveis de popularidade, que se refletiram na economia e reações do mercado. Como resposta, seu governo tomou medidas como zerar tributos e intervir no mercado cambial. No contexto das manifestações, com mais de 1 milhão de pessoas nas ruas, Dilma sugere um plebiscito para reformas políticas, apesar de críticas e resistência. A oscilação na popularidade afeta as perspectivas eleitorais, com a sugestão de que a presidenta já não venceria no primeiro turno. Outros candidatos são oferecidos neste cenário como alternativas mais viáveis e com expectativas de ascensão. A presidenta passa a enfrentar hostilidade pública, incluindo vaias nas finais dos jogos classificatórios para a Copa do Mundo do ano seguinte e em protestos por todo país. O governo responde com tentativas de abordar várias questões, incluindo saúde, políticas públicas e novas propostas de reformas políticas, propostas que se tornam objeto de controvérsia e críticas, tratadas com rejeição.

Organizando as manchetes por temáticas e verbos utilizados, temos a seguinte disposição na tabela 2:

Tabela 2 - Quadro referencial, temática e verbos

Data da edição	Quadro referencial	Temática	Verbos
2/6	Dilma	Popularidade em queda	(Popularidade) Fez, Priorizar (Economia)
5/6	Governo Dilma	Economia	(Governo) Tentar, Conter (alta do dólar)
6/6	Fala de Dilma, BC	Economia	(Banco Central) Intervém
7/6	Dilma, PTB	Eleições	(PTB) Volta (ao governo)



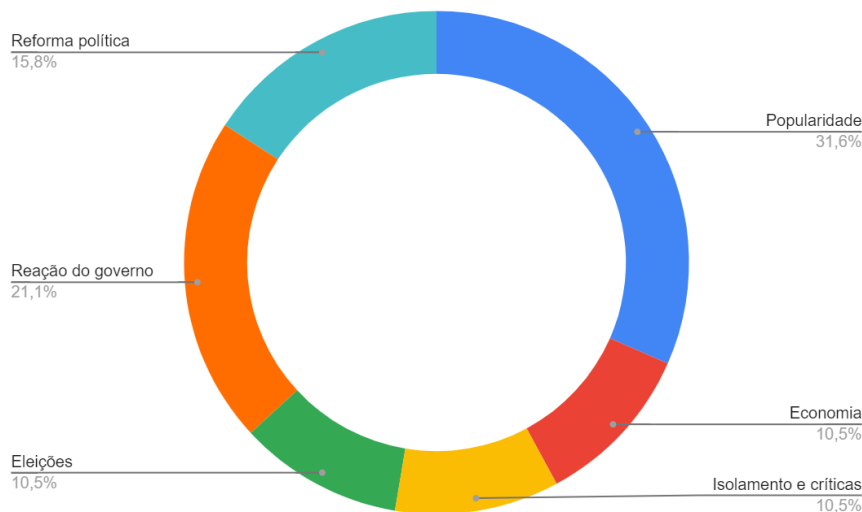


8/6	Viagens de Dilma	Isolamento e críticas	(Governo) Torna (sigilosos)
9/6	Dilma	Popularidade em queda	(Aprovação) Tem (queda)
10/6	Governistas, Dilma	Popularidade em queda	(Menor aprovação) É (normal)
13/6	Dilma	Isolamento e críticas	(Dilma) Vê (pessimismo)
16/6	Futebol, Dilma	Popularidade em queda	(Estreia do Brasil) Tem (vaia)
17/6	Futebol, Dilma, Discurso	Popularidade em queda	(Dilma) Cortou (discurso)
21/6	Dilma, Protestos	Reação do governo	(Dilma) Chama (reunião)
22/6	Dilma	Reação do governo	(Promete) Ouvir, Coibir (arruaça)
23/6	Dilma	Reação do governo	(Dilma) Resgata (faxina)
24/6	Dilma	Reação do governo	(Dilma) Inicia, Estancar (atos)
25/6	Dilma	Reforma política	(Dilma) Sugere (plebiscito)
26/6	Presidente do STF, Dilma	Reforma política	(Presidente do STF) Diz, Incluir (povo)
28/6	Planalto	Reforma política	(Planalto) Defende (plebiscito)
29/6	Dilma, Collor	Popularidade em queda	(Aprovação) Despenca
30/6	Dilma	Eleições	(Dilma não) Venceria

Fonte: Autor

Na tabela 2 foram identificadas temáticas recorrentes, organizadas no gráfico 1:

Gráfico 1 - Temática das notícias relacionadas à presidenta Dilma



Fonte: Autor

A enfatizada cobertura midiática sobre a popularidade da então presidenta Dilma Rousseff é observada no gráfico 1 pela recorrência do tema popularidade e aprovação do governo, em 31,6% das notícias coletadas. As manchetes, frequentemente, concentravam-se na brusca queda nas taxas de aprovação de Dilma, contribuindo para uma narrativa que ressalta a generalizada insatisfação pública. Esta ênfase excessiva em pesquisas de opinião e intenção de votos, em detrimento de análises mais aprofundadas das causas subjacentes do



descontentamento público, pode ter desempenhado um papel fundamental na percepção coletiva. A repetida focalização na diminuição da popularidade pode conduzir a uma visão simplista do panorama político, obscurecendo nuances cruciais relacionadas às preocupações e às exigências da população. Tal manipulação social, ao moldar a narrativa pública, pode ter colocado uma lente a sobre os eventos e influenciado as percepções de maneiras que não capturavam completamente a complexidade do cenário político da época, atribuindo a uma só pessoa a culpa, irresponsabilidade ou incompetência numa narrativa.

Em notícia de 29 de junho de 2013 "Aprovação a Dilma despenca de 57% a 30% em 3 semanas" com o subtítulo "Queda de 27 pontos é a maior de um presidente aferida pelo Datafolha desde Collor em 1990" noticiava a baixa popularidade da então presidenta, comparável à do ex-presidente Collor. O fato noticiado é a "queda" de 27 pontos na aprovação, de 57% a 30%, a maior desde 1990 quando o Instituto Datafolha começou a aferir este dado. A notícia, em *lead* ainda na primeira página, traz o "salto" de 9% para 25% no número de pessoas que considerava o governo Dilma ruim ou péssimo. Há um gráfico, mostrando esses dados à esquerda da manchete.

Quanto à seleção lexical, é importante destacar, na manchete, a escolha da palavra "queda", bem como a metáfora "despenca": Cair desastrosamente de grande altura (DESPENCAR, 2023). Além disso, cita-se o declínio da popularidade do ex-presidente Fernando Collor de Melo, o primeiro a sofrer impeachment após a redemocratização por envolvimento em esquemas de corrupção, numa aparente comparação para além dos níveis de aprovação. Estes outros elementos dialogam com a manchete enquanto contribuem para a narrativa de que a presidenta apresenta um ponto comum de insatisfação na população. A foto, por mais que ilustre uma notícia não relacionada com velas e cartazes de revolta, corrobora para o clima de protesto.

Em notícia de 6 de junho de 2013 "Após fala de Dilma, dólar tem alta e BC intervém" dizia respeito a uma declaração da presidenta sobre o câmbio, o que levou a uma alta do dólar nos minutos seguintes à declaração. É possível antecipar parte da notícia, onde lê-se que o dólar estava em queda e após fala da então presidenta causou o efeito contrário. Os termos "Fala de Dilma" e "BC intervém" são causa e efeito, onde a escolha lexical "intervém" denota "Interpor a autoridade ou o poder de controle" (INTERVIR, 2023). O leitor pode deduzir, através destas escolhas, que a presidenta necessita de intervenções no exercício do poder, desqualificando o modo como comanda o país

Esses elementos não apresentam relação direta de causa ou efeito. No entanto, os protestos noticiados nesta edição, que miravam o governo e o escândalo de corrupção, envolvendo o partido da então presidenta, bem como a imagem do manifestante num confronto, podem ser indícios de que existe, nesta primeira parte, uma construção de um inimigo ou de ampla insatisfação com o então governo.

Nesse contexto, as estratégias empregadas engendram uma transformação social sob o disfarce da objetividade jornalística. É preciso atenção especial à capacidade da mídia de dissimular suas inclinações ideológicas ao mesmo tempo em que se engaja em uma mobilização aparentemente alinhada com as inquietações populares, propondo debates sobre as dissonâncias entre a classe trabalhadora e a líder do Partido dos Trabalhadores no governo, ao trazer questionamentos explícitos sobre sua atuação e competência. Ao adotar uma retórica que aparenta imparcialidade, o periódico não apenas oferece um espaço para a expressão das insatisfações públicas, mas também direciona de modo sutil a opinião pública em direção às



perspectivas que lhe são mais favoráveis, neste caso, visando a instituir o viés ideológico para mudança social de forma a conferir um tom natural, coletivo - de egrégora - para o pensamento dominante. Esse tipo de manipulação não apenas molda as percepções individuais, mas também exerce influência sobre a formação de opiniões ao simplificar questões políticas intrincadas em termos compreensíveis para o público. Assim, desempenha um papel central na configuração da consciência social e política, moldando ativamente uma compreensão coletiva enviesada dos assuntos em debate.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da construção multimodal e intersemiótica, promove-se a perpetuação de determinados discursos que imprimem valores ligados à supremacia popular, o que fortalece o que se diz. As escolhas editoriais e como as notícias são apresentadas revelam não apenas as inclinações políticas do veículo, mas também destacam como essas ideologias são fundamentais para a moldagem da opinião pública.

A identificação das estratégias empregadas para a manipulação social oferece uma visão sobre a complexidade dos métodos utilizados pelos meios de comunicação, para influenciar as percepções públicas. Ao compreender essas estratégias, torna-se evidente como a mídia pode dissimular suas agendas ideológicas, manipulando sutilmente a opinião pública e guiando-a em direção às visões que servem aos seus interesses, simulando ideologias que aproximam seu discurso das classes dominadas.

No contexto do processo subsequente de *impeachment* de Dilma Rousseff, torna-se claro que as estratégias identificadas desempenharam um papel crucial: a construção de uma narrativa com um inimigo simbólico, como a revelada na reiteração de estratégias nas primeiras páginas dos jornais, provavelmente contribuiu para a formação da opinião pública e influenciou muitos em relação ao *impeachment*. Isso destaca a importância de uma análise crítica da mídia na compreensão de eventos políticos complexos e sublinha a necessidade de um debate público informado e equitativo pela imparcialidade das mídias: Seria possível atingir essa imparcialidade? Ou melhor seria potencializar as habilidades de leitura crítica?

Mediante esses objetivos, demonstramos como a ideologia permeia as estruturas linguísticas e os usos sociais da linguagem, exercendo influência profunda na construção e reprodução das relações de poder. Pelas lentes da Análise Crítica do Discurso (ACD), investigamos a interdiscursividade, revelando como diferentes discursos e práticas discursivas entrelaçam-se, para formar um sistema complexo de significados, frequentemente obscurecendo as intenções ideológicas subjacentes. As análises de Charaudeau (2013) e Van Dijk (2009) encaminham a observação dos mecanismos intrincados para construir significados e perpetuar ideologias na polifonia discursiva, mostrando como múltiplas vozes e perspectivas são incorporadas mediante dispositivos sutis, para perpetuar desigualdades e reforçar relações de poder preexistentes, movimentando a luta de classes no campo do discurso (FAIRCLOUGH, 2001).

Destacamos a necessidade de uma análise constante e informada dos discursos midiáticos. A mídia não é apenas um reflexo da sociedade, mas também um agente ativo na construção da realidade social. Ao compreender as nuances desses processos comunicativos, somos capacitados não apenas a decodificar as mensagens midiáticas, mas também a questionar, resistir e participar de maneira consciente na esfera pública. Ao nos propormos a



desvendar as estratégias ideológicas nos discursos, somos convidados a permanecer vigilantes em nossa própria produção, reprodução e validação de discursos presentes na sociedade, na promoção de uma sociedade mais crítica, equitativa e justa.

## REFERÊNCIAS

ACERVO FOLHA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2013. <Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em setembro de 2023.

ARNOUX, Elvira. Estudios del Discurso - El análisis del discurso en Latinoamérica: Objetos, perspectivas y debates. **Revista Signos**. 54. 711-735. 10.4067/S0718-09342021000300711. 2021.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEZERRA, Paulo. **O problema e sua definição**. In: BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 14.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

DESPENCAR. In: **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Universo OnLine S/A, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/despencar/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FRAZÃO, T. J. DIJK, Teun A. van. Discurso e poder/ Hoffnagel, J. & Falcone, K. (Orgs.) São Paulo: Contexto, 281 págs. **Cadernos De Linguagem E Sociedade**, 10 (1), 153–156. 2009.

INTERVIR. In: **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Universo OnLine S/A, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/intervir/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. Org. Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; tradução Adail Sobral... [et al.]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCHON, Amanda Heiderich; SILVA, Welton Pereira e. Argumentação multimodal e inferências intersemióticas: um estudo semiolinguístico. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2543, p. 226-246, set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237- 6321-32543.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1984.

SIGNOR, R. C. F. Os gêneros do discurso (resenha). **Revista Gatilho** (PPGL/ UFJF. Online), v. 7, p. s/p, 2008.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso y poder**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2009.